

OPINIÃO CATHARINENSE

PUBLICA-SE

JORNAL POLITICO E NOTICIOSO

às quintas-feiras de cada

semana.

REDACTOR PRINCIPAL

DR. GENUINO FIRMINO VIDAL CAPISTRANO.

ASSIGNATURAS

CAPITAL

ANNO 5\$ 000

PARA FORA

ANNO 6\$ 000

Folha avulsa 200 rs.

OPINIÃO CATHARINENSE.

Para onde nos levam?

E' a epigraphe de um artigo da *Provincia*, jornal de Pernambuco, e que a *Regeneração* transcreve em sua secção politica para patentear, conforme pretende, o actual estado dos negocios publicos e o abysmo que nos espera de fauces escancaradas.

Para onde nos levam? Esta pergunta é apenas uma variante desta outra — para onde vamos, usada pela *Reforma* da corte.

O que escreve hoje a *Provincia* disse-o a *Reforma*, e a resposta não se fez esperar em artigos bem elaborados publicados na *Nação*.

E' esta a insistencia continuada, sempre as mesmas accusações, com pequenas variantes na forma por que são apresentadas na imprensa.

Certas expressões proprias de nossos adversarios politicos, seguidas de accusações e invectivas menos justas, constituem o circulo dentro do qual gira a opposição.

Assalto ao cofres publicos, reformas sophismadas, misérias, perseguição e ostracismo dos adversarios, servilismo, humilhações, corrupção, o poder pessoal, e tudo quanto póde desmerecer o partido constitucional, encontra-se em cada um dos artigos escriptos por nossos adversarios naturaes.

Para onde nos levam, ou para onde vamos, perguntão elles?

E a *Nação* responde, acompanhada da opinião nacional e da consciencia publica: vamos ou nos conduzem ao templo da liberdade: é a lei de 28 de setembro, quebrando as cadeias aos miseros escravos, é a reforma judiciaria dando mais garantia a biberdade do cidadão, é a reforma da guarda nacional, alliviando o cidadão desse serviço, é a reforma da lei do recrutamento, para evitar a perseguição e a violencia aos direitos do cidadão, é a criação de relações, a descentralisação do ensino publico, garantindo ás provincias a validade dos exames nellas feitos, são as empresas de caminhos de ferro que se levantão por toda parte, é a telegraphia a communicar todas as provincias do Imperio, e este a todas as nações.

São tantos os titulos de gloria da situação dominante, que só uma opposição cega pela paixão politica póde vêr males e abysmos a cada passo.

Si os beneficios outorgados á Nação não satisfazem a este ou aquelle, seu caminho a seguir é esforçar-se para obter maior somma de felicidade.

Si esta ou aquella reforma não satisfaz plenamente a todos, nem por isso se a póde denominar um sophisma com que procura-se illudir á Nação.

Si os cofres publicos não regorgitão, não se pretenda vêr a miséria, o abysmo e o crime, e nem se diga que os impostos crescem, quando elles diminuem.

O ostracismo dos adversarios! Não, por toda parte os vemos fruindo seus empregos, e uma politica tolerante como esta, não póde ser accusada de votar guerra aos vencidos, dispensando aos vencedores somente as graças do poder.

A humilhação, o servilismo, a corrupção nas altas regiões do poder e em todas as camadas sociaes, apenas isentão as virgens vestaes da opposição!

E' muta pretenciosidade, ou falsa a apreciação.

poder pessoal, que reina, governa e administra; mas acrescentam em seguida que a eleição directa viria regenerar o paiz.

Que virtude occulta possui um tal systema é o que ignoramos, para fazer desaparecer esse quadro de sombras tristes e carregadas que nos apresenta a opposição.

Nem o poder pessoal, esse poder horrivel que tudo anniquilla e destróe, podia resistir a eleição directa!

Reflicta a opposição, e não desvaire com apreciações de semelhante natureza.

GAZETILHA.

Vapores.—O *Itajahy* seguiu viagem para o Rio de Janeiro no dia 18 do corrente, afim de fazer concerto no dique.

—Chegaram do Sul no dia 16 o *Arinos* e o transporte de guerra *Madeira*, que havia conduzido para o Sul o batalhão 18 de infantaria de 1.ª linha.

—Da mesma procedencia entrou a 20 o *Calderon* e seguiu para o Rio de Janeiro no mesmo dia.

—No mesmo dia ancorou neste porto o *Camões*, vindo da Corte.

Amnistia dos Bispos.—Da estação telegraphica desta capital recebemos o seguinte telegramma:

"Communica a estação central, que por decreto n. 5993 de 17 do corrente, ficão amnistiados os Bispos, Governadores e outros ecclesiasticos das dioceses de Olinda e do Pará. Desterro, 18 de Setembro de 1875."

Contracto.—Publicamos o celebrado com alguns commerciantes desta praça para os estudos technicos e orçamento de uma estrada, que partindo da cidade de S. José, vá ter á de Lages.

Chegada.—Veio no *Calderon*, o distincto sr. capitão de fragata José Manoel de Araujo Cavalcanti Lins.

Prorogação.—Por decreto de 13 deste mez, fôram novamente prorogados até o dia 30 do corrente os trabalhos da assembléa geral.

Reforma eleitoral.—Continuava, no senado, em 3.ª discussão o projecto da reforma eleitoral.

Conferencias Litterarias.

5.ª conferencia do Sr. Dr. João Baptista da Silva Gomes Barata na reunião de 24 de fevereiro de 1875.

A LAVOURA.

As causas do desaparecimento da pequena lavoura como fonte de exportação.

Com quanto sejam de alguma maneira obvias as razões do desaparecimento da pequena lavoura, como a parte mais importante da procedencia dos generos de exportação, com mais interesse devemos encaral-as, como as bases primarias do estudo a fazer-se no intuito de removel-as.

E para um tal estudo, e ensaios a que necessariamente se tem de proceder, o tempo que nos resta do fatal gozo da escravatura, com a qual desaparecerá a grande lavoura, pelo menos a praticada até o presente, não dá para que se adie trabalho algum a tal respeito; e quando nos deixemos levar pela

acordaremos a braços com um cataclysmo, que podemos evitar.

A nossa população proletaria é immensa. Esta proposição é horrorosa, ella é de arrepiar os cabellos; mas infelizmente é verdadeira. E o que ainda é peor é que si a nossa população é pobre, é mais por não ter em que se occupar, é mais por não comprehender o trabalho, do que por vadição. Do que resulta poder-se avançar esta fatal proposição: na nossa terra não ha trabalho para a familia pobre! As consequencias que dahi dimanam, estão no conhecimento de todos, porque a ociosidade é a origem fatal de todos os vicios.

A demonstração, em parte, comprehendêrã as propriedades rusticas de todas as dimensões.

Os homens pobres, que moram no interior, fóra das povoações, mais ou menos dedicados á agricultura ou são proprietarios de muito pequenas sortes de terra, onde habitam e têm sua cultura, ou são aggregados dos grandes fazendeiros, que por favor dão-lhes morada, com permissão de lavrar o terreno, que lhes é assignalado. Tanto no 1.º como no 2.º caso elles não têm á sua disposição terras novas de matas virgens, que desaparecem facilmente aos grandes lavradores, que possuem espaçosos domínios, quanto mais a elles, faltos de recursos. E quer habitem como proprietarios ou morem como aggregados, até agora o systema do amanho do terreno para as suas plantações é o mesmo de sempre sem attenção ao estado exausto deste: enquanto ha o que derribar a fouce, e queimar, derribam e queimam.

Além disto ha uma observação a fazer, qual é que a gente pobre não dispõe de terras de 1.ª qualidade, e quando de alguma disponha, já se acham cançadas, e por isso para abundar em fructos dependem do emprego do não cogitado systema do progresso.

Do que é consequencia, que a cultura dos generos alimenticios, a que estes nossos patricios se dedicam, é tão pouco productiva, que mal lhes dá para o consumo necessario, não sendo, infelizmente, raro que nem para isso dê a muitos que lutam com a penuria.

Mais ou menos esta população se agglomera nas proximidades das cidades, villas e aldeias, que sempre se formam nas linhas da viação, pelo interesse que resulta desse pequeno commercio com os passageiros, a quem os menos necessitados podem vender alguma cousa, que não venderiam em outras circumstancias; e não se espalham para os desertos, onde encontrariam terras novas e productivas apesar do mesmo systema da rotina, a que estão acostumados, porque isso importa realmente em um commettimento, que supõe grandes recursos, que elles não têm, começando por necessitarem de dinheiro para a compra do terreno, que, onde quer que esteja, já não será objecto de posse—*primi capiendi*—em vista da legislação actual.

E é tão certo que toda essa população se ache assim prostrada, não por vadição, e sim por não ter em que se occupar á falta de comprehender o trabalho, e á falta da sciencia experimental da agricultura, que enquanto teve a certeza da terra lhe ajudar, fez muita cousa, cujo ensejo passou despercebido.

sendo a matta virgem derrubada para a sua plantação, e esses pequenos proprietários tendo em ser terras desta qualidade, por não se prestarem para a lavoura dos cereaes, logo que conheceram, a exemplo das grandes culturas, o interesse, que lhes resultaria, deram começo á pequena cultura do café á proporção das suas forças, e logo se viu a pequena lavoura do café em concorrência com a grande, como unico genero de exportação, para a qual concorriam então os agricultores proletarios.

Esta pequena lavoura do café estendeu-se por todas as zonas que lhe eram favoraveis, tanto pelas condições climatericas, como pela vantajosa vinção, nas provincias de S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro.

Os pequenos lavradores colhiam os fructos de seus cafezaes, seccavam as bagas nos terrenos ao sol, e as reduziam a sementes socando-as em monjolos, que quando bem feitos, dão um resultado satisfactorio e tanto que deste mesmo engenho se serviam fazendeiros da algum vulto.

Aquelles que assim podiam praticar remettiam o seu genero para o commercio desta corte directamente em seu nome, ou por intermedio de amigo, commerciante ou parente, já aqui relacionado. Grande era a alegria do lavrador proletario quando tinha nas mãos a conta de venda do seu genero; e com razão porque os lavradores pobres têm sede de fazer dinheiro de alguma cousa.

Nem todos, porém, podiam beneficiar o seu genero a pila, porque o monjolo é engenho movido á agua e não em pequena quantidade, e por isso vendiam o café ainda eucascado áquelles que tinham meios de beneficiar-o nos termos de poder ser remetido para o mercado de exportação.

Os commerciantes do interior se interpuzeram entre o mercado de exportação e os pequenos lavradores, comprando-lhes o café em casca para beneficiar-o em engenhos, que montaram mesmo dentro das cidades e villas, para depois remetter o por sua conta.

Esta magnifico estado de cousas desapareceu no fim não de muitos annos; porque estragando-se os primeiros cafezaes, ainda os pequenos lavradores tentaram plantar novos, mas em terras no estado de capoeira, por não terem matta virgem, e como estes não tivessem duração alguma, perderam as esperanças e abandonaram a lavoura do café na escala, que por ignorancia não comprehendiam que estava, com tanto proveito de todos, ao seu alcance.

A historia analytica desta pequena lavoura do café, e de todos os factos que se prendem á ella, é da mais alta importancia, para vermos a maneira, pela qual devemos nos conduzir para que esse futuro, que não pouco nos assusta, se desenha mais benigno.

O desenvolvimento do commercio para o interior, autorizado pela produção da pequena lavoura, que revertia os seus proveitos ás multiplicadas fontes donde provinha, tomou dimensões, nunca cogitadas antes do apparecimento dessa mesma pequena lavoura, e tanto só a ella eram devidas que a acompanharam no seu desaparecimento, e não com pequeno fracasso tanto em relação aos commerciantes do interior como aos desta corte, cujas quebram foram encobertas pelas casas bancarias, que a seu turno tinham necessidade de occultar um prejuizo irremediavel, de fataes consequências.

Todos esses pequenos lavradores se converteram em consumidores de generos, que até então lhes eram prohibidos á falta de recursos: tiveram dinheiro e credito perante os commerciantes varejistas do interior, que a seu turno se augmentavam de credito nas casas fornecedoras desta praça, que lhes remettiam as receitas pedidas, nunca achadas exageradas, porque as remessas do café também eram abundantes e repetidas.

No commercio desta corte, que ha immensos annos não comporta tão grande numero de profissionais, trasbordou em damno seu, a ambição que, quando não é contida em seus justos limites, é sempre causa de catástrophes. Aconteceu que as casas fornecedoras, não pensando que a mina tinha seus termos, além dos quaes nada havia a espe-

zaram tomar essa commissão, e foram estes fazer concorrência hostil aos commerciantes ha muito estabelecidos nas diversas cidades e villas do interior, donde abundavam as remessas de café.

Os mascates se apresentaram vendendo só á vista, mas a preços tão commodos, que todos que tinham dinheiro para pagar a fazenda, não compravam nas antigas casas de suas freguezias que, desde então para praticarem algum negocio, necessitavam de fazer a venda a credito, e com pouco escrupulo.

Isto era uma verdadeira revolução commercial com todos os aparatos da anarchia. Quando chegava á porta d'um mascate uma tropa carregada de fardos, que o seu committente da corte lhe mandava para reforçar o sortimento, era festejado com foguetes, que sobiam ao ar com estrondo: aviso aos freguezes de fazendas novas, e acinte aos da terra, que não podiam vender as suas estagnadas por tão hostil concorrência.

A pequena lavoura começou a resentir-se da fraqueza da terra, e da falta de racional systema no seu plantio, em consequencia do que os cafezaes deram-se por cansados e de prompto essa vasta escala de consumidores por elles alimentados, se resumiu na proporção da produção que desaparecia.

Os commerciantes desta corte que se deixaram cegar pela ambição, tiveram de carregar de uma vez com a insolvabilidade dos commerciantes do interior, seus freguezes que em vão arcaram com os seus devedores, que já não tinham colheitas de café, com as quaes podessem solver seus debitos, e com as pessimas contas que seus caixeiros e commissarios bem quizeram dar do que fizeram longe de seus committentes, que com grande felicidade conseguiram entrar em mansa liquidação, porque nisso ia o interesse de seus credores, como já ficou observado.

Tiremos desta historia o proveito que é possivel, qual o de argumentar-se com os factos, e não com as meras probabilidades e conjecturas.

É a primeira observação que a cultura de café presta-se á pequena lavoura com tal vantagem que não se encontra na cultura de outro genero de exportação. Só vos lembrarei que conheci commerciantes compradores de café da pequena lavoura, que remettiam para o commercio desta corte dezenas de mil arrobas. E por isso si se procurar restabelecer essa pequena lavoura, o que não é nem pôde ser impossivel, durante o tempo que nos resta do trabalho escravo, desaparecendo com este a grande lavoura, já poderá esta estar substituida por aquella.

É segunda observação que essa pequena lavoura se restabelecendo, se gozar dos resultados de uma immensa produção, muito e muito maior do que a actual e com insignificante emprego de capitães, de que talvez nem se possa fazer menção, porque ao progresso cumprirá resolver o problema de — dar valor ao que não tem, isto é, ás terras estragadas e dar emprego a braços ociosos, estimulando-os pela evidencia do lucro.

É terceira observação, que só então o colono nosso patricio amará a terra, em que passou a infancia, e saberá que ella foi a que lhe deu o primeiro pão, o que por ora elle ignora por vêr a miséria por toda a parte, nem ao menos arvoredo fructifero, que lhe tenha regalado o avido paladar da mocidade, e lhe causa uma agradável lembrança. Declarado esse amor á terra, esta se esmerará em retribuir-o de modo, que nunca se fará esquecer.

Em todas as partes do mundo classico tanto a quinia como granja são as lendas vivas da familia, quer para a invocação dos titulos de solar nobreza para a satisfação da vaidade, e quer para a recordação santa dos que na imaginação querem viver a vida dos seus antepassados.

Entretanto na nossa terra a propriedade rustica, aquella que nos dá o pão mais seguro, é olhada com tanta indifferença, que é raro vêr-se o filho ou o neto mostrar prazer em habitar a mesma fazenda ou sitio, em que habitou o pai ou avô. E quando isto acontece se lhe ouve a queixa, de que as terras estão muito estragadas, já não são o

ção, que só então se conhecerá praticamente que para sermos ricos, para termos uma exportação maravilhosa, não necessitamos tanto da immigração como se pensa; mas sim de animar e instruir os nossos patricios, que se acham abatidos pela miséria em terras maninhas á falta de instrucção, e dos rudimentos da agricultura. O estrangeiro morigerado que, com o amor ao trabalho, traga o conhecimento pratico da agricultura e do fabrico dos productos annexos, sempre será bem vindo, e devemos até fazer sacrificios para possuil-o e com elle partilhar as nossas riquezas; mas em caso nenhum devemos desprezar os nossos patricios.

Não devo limitar-me aos motivos do desaparecimento da pequena lavoura de café, com quanto o que se pôde dizer neste sentido a respeito desta, tenha applicação ás outras; antes desejo pedir a vossa benevolenta attenção para as causas do entorpecimento da cultura de outros generos, que, embora menos importantes, não podem de modo algum ser desprezados, desde que se prestam á pequena lavoura, e podem assim fornecer trabalho ás familias pobres, que tanto se agglomeram nos suburbios das cidades e villas.

A cultura do chá tende a desaparecer com grave prejuizo até para a saúde dos consumidores, por que é sabido que aquelles, que especulam com a falsificação dos generos de toda a casta, novamente preparadas as folhas do chá depois de usadas nos grandes hotéis de largo consumo, dão-lhe a falsa cor por meio de drogas damnosas, e remetem para os incautos consumidores.

Ha sempre a mania de se dar preferencia ao producto estrangeiro, mas, conhecida a prejudicial falsificação deste como se acha, o nosso entraria em bom mercado, obstaria a importação daquelle em larga escala e pela continuação da cultura e fabrico talvez que ora já fosse exportado, em razão dos melhoramentos obtidos.

Esta magnifica cultura que pôde ser praticada em qualquer terreno, ainda mesmo de inferior qualidade, e que por isso está ao alcance das familias pobres, tendo a vantagem de dar-se tanto o arbusto do chá no nosso clima, que uma vez plantado resiste ao matto que lhe sobrevém, que nem obsta a propagação pelas sementes, que cahem — tende a desaparecer em razão do máo fabrico, não tanto filho da ignorancia, como da ambição cega dos nossos lavradores que, só olhando para a quantidade, não se esmeram na qualidade, que é o primeiro predicado debaixo de cujo ponto de vista se abre preferencia ao consumo de todo e qualquer genero.

Sobre este tão importante ramo de cultura, que tem sido praticado nas provincias de S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro nem ao menos se tem estudado a melhor maneira de dar ao chá, quer em relação ao terreno, e quer á especie da planta attenta a hybridéz, que por ventura se tenha dado. É de presumir que na epocha anterior a 1860, em que para o commercio desta corte os lavradores faziam grandes remessas de chá, algumas amostras fossem mandadas á Europa, e que pela não aceitação a mercaderia ficasse, como ficou, sem preço, o que occasionou a cultura retrahir-se. Ora, esse chá remetido pelos nossos lavradores, por assim dizer, ás toneladas, era realmente um pessimo producto; mas si em vez de se olhar para a quantidade se olhasse para a qualidade, melhorando-se o fabrico, como alguns productores fizeram, não teria ficado desacreditada esta nossa industria, como ficou, ainda antes de ter o desenvolvimento de que ainda agora é susceptivel pelo lado do melhoramento.

Si a cultura do chá, pela sua índole, mais se mostra propria da pequena lavoura, do que da grande, si ella está em tão grande dependencia do bom fabrico, que só poderá ser obtido de trabalhadores, que primem mais pela intelligencia, do que pela força, é razão bastante para que haja todo empenho para que uma tal industria receba todo o desenvolvimento possivel, como uma das mais proprias, a que as familias pobres do paiz podem se dedicar. Ella não dará para fazer fortuna, mas pôde garantir o pão a tantos que delle necessitam; e quem sabe o

feição, que poderemos obter neste ramo de industria, que se torne de exportação?

E', porém, evidente que a cultura e fabrico do chá tende a desaparecer á falta de animação e de convicção da parte das pessoas que podem se dar á ella, do interesse, que lhes pôde resultar, e da certeza de que com applicação e estudos dos factos chegarão a aperfeiçoar o producto.

As cousas nos correm tão mal em razão da indiferença com a qual deixamos em abandono os nossos mais vitaes interesses, que ha industrias de subida importancia em razão do fim a que podem chegar, e que entretanto ha annos estão estagnadas em seus focos sem o menor desenvolvimento pelo lado da perfeição que necessitam, e do consumo que á falta desta não se alarga.

Quero fallar do fabrico da manteiga, e da banha derretida de rez suina, que importamos em larga escala; quando com iguaes sinão com melhores productos podemos não só obstar a importação, como também converter esta em exportação destes generos; que podem sahir dos mananciaes da pequena industria, que tão sem animação se acha, pela grande razão dos productores actuaes e dos que podem ser não comprehenderem que o grande interesse a auferir vale muito a pena do trabalho e despesa necessaria para feição da industria. Assim vejamos:

São productores de manteiga, e podem ser, todos os proprietarios, que têm fazendas de crear o gado vaccum e lanigero.

São productores de banha e podem ser todos os proprietarios, cujas terras abundam em milho, batatas, mandioca e inhame, e dão-se á criação da rez suina, como a unica cousa de que podem fazer dinheiro.

Desde que trato de creadores, é consequencia referir-me a logares muito distantes dos grandes mercados ainda mesmo de consumo, sem fallar na exportação e por isso a primeira cousa que se deve ter em vista é o transporte de mercadoria que mais ou menos absorve de 25 a 50 % do seu valor, não obstante os melhoramentos das estradas de ferro.

Logo, si a mercadoria dobrar de valor, a despesa da condução pesará 50 %, menos ao productor, ou no preço da venda ao consumidor segundo forem as condições do mercado.

Os fazendeiros criadores que, por necessidade de fazer dinheiro, mandam dos centros longinquos carregamentos de toucinho para este mercado, onde é vendido a 8\$ mais ou menos, quando não acontece se inutilizar por estragar-se, porque não se dedicam ao fabrico da banha derretida como a americana, que a venderão na razão de 16\$ mais ou menos e, levada em conta a economia do sal que deixa de ser consumido na salga, e a maior segurança do producto, menos sujeito a estragar-se, o lucro será superior a cento por cento?

Esta industria já foi iniciada pelas colonias allemães do Rio-Grande do Sul; tem tido seus contratempos nesta praça, como acontece com todos os generos nacionaes, que esbarram com a concorrência estrangeira; mas é evidente que os nacionaes podem vencer a concorrência com a baixa do preço, sem prejuizo seu, attento aquelle pelo qual vendem o toucinho; e os sacrificios, com que lutam para venderem o gado suino em pé depois de uma marcha de muitas dezenas de leguas. Em 1873 a importação de banha americana foi de 26,630 barris de 42 libras mais ou menos que, vendida pela maior parte a 500 réis, levou-nos o americano cerca de 532:600\$, tirados aos nossos patricios, a quem superabunda o gado suino!

No mesmo anno de 1873 recebemos 39,657 volumes de manteiga, que orçam em 1,586,280 libras a 40 libras por volume quer em barris e quer em latas, e pagamos na razão de 900 a 14500 por libra, mas, dado que fosse a 1\$, sahiu pela barra fóra a quantia de 1,586:280\$—; quando aperfeiçoado o fabrico deste genero, toda esta imensa quantia ficaria no paiz em poder dos creadores do gado vaccum e lanigero, que não sabem o que fazer do leite.

Em relação a manteiga ainda mais favo-

zão das pequenas dimensões dos volumes, e maior preço de mercadoria.

E sobretudo está a consideração de que se consumissemos manteiga feita no paiz, teríamos certeza da innocencia do genero, e não aconteceria, o que nos acontece, de comprarmos azeite condensado pela chimica dos falsificadores, na persuasão de que compramos a substancia pingue, que se fórma da nata do leite batido.

(Da Nação.)

Termo de contracto

celebrado com os commerciantes: Dr. Joaquim da Silva Ramalho, Theodoro Todeschini, Fernando Hackradt, Antonio Joaquim Brinhosa e João Vieira Pamplona, para os estudos technicos e orçamento de uma estrada de rodagem, que partindo da cidade de S. José, vá ter á de Lages.

Aos trinta dias do mez de Agosto do anno de mil oitocentos setenta e cinco, nesta cidade do Desterro da provincia de Santa Catharina, no palacio da presidencia, perante o exm. presidente dr. João Capistrano Bandeira de Mello Filho e o procurador fiscal da fazenda provincial, tenente-coronel Joaquim d'Almeida Gama Lobo d'Eça, compareceram os commerciantes: Dr. Joaquim da Silva Ramalho, Theodoro Todeschini, Fernando Hackradt, Antonio Joaquim Brinhosa e João Vieira Pamplona, para contractar, como effectivamente contractaram, os estudos technicos e orçamento de uma estrada de rodagem, que, partindo da cidade de S. José, vá ter á de Lages, nos termos da lei provincial numero seletosentos cincoenta e seis de quatorze de Maio do corrente anno, sob as seguintes condições:

PRIMEIRA

Os concessionarios obrigam-se a apresentar no prazo de dous annos, contados tres mezes depois da assignatura do presente contracto, os estudos technicos e orçamento de uma estrada de rodagem que ligue a cidade de S. José á de Lages.

SEGUNDA

Os estudos e orçamento de que trata a condição primeira, e que deverão ser apresentados á presidencia da provincia, consistirão principalmente.

§ 1.º Em uma planta nitidamente desenhada e nivelamento de toda a extensão da estrada projectada com os perfis transversaes.

Esta planta deverá ser feita no minimo em escala de 1 para 500 e de 1 para 300 para as cotas das alturas e perfis transversaes.

§ 2.º A planta designará convencionalmente nos logares competentes, todas as obras de arte que fôr necessario executar: laes como paredões, calçadas, pontes, boeiros, pontilhões, e, bem assim, as circumstancias e accidentes do terreno adjacente na zona de sessenta metros de cada lado da estrada.

O nivelamento designará igualmente os côrtes verticaes das ditas obras e aterros.

§ 3.º Todas as pontes, pontilhões e boeiros que fôr necessario fazer, serão desenhados separadamente na escala de 1 para 200 com todos os detalhes necessarios.

§ 4.º O declive não excederá de 5 por cento nas grandes distancias e de 7 por cento nas pequenas.

§ 5.º Os raios das curvas na directriz da estrada não serão menores de vinte dous metros e a largura da mesma nunca inferior a 6,8.

§ 6.º O desenvolvimento de todo o trabalho da estrada sobre o terreno, será franco e claramente traçado de modo a ser facilmente examinado, quando a presidencia da provincia entender necessario; devendo os postes e estacas ser de madei-

ra de lei e de dimensões laes que, collocados nos pontos competentes, offereçam a necessaria segurança e estabilidade.

§ 7.º Uma memoria descriptiva de toda extensão dos logares ou terrenos, por onde tiver de passar a estrada, com declaração de sua natureza geologica e topographica, si cultivados, incultos, devolutos, ou particulares, (sendo possivel) a possibilidade e conveniencia de estabelecimento de nucleos coloniaes e quaes os pontos mais apropriados; os caminhos convergentes á estrada que convenha abrir; a velocidade, volume e altura conhecida das aguas de todos os rios que a estrada tiver de atravessar, afim de poderem apresentar orçamentos minuciosos de todas as pontes e mais accessorios.

§ 8.º Um orçamento circumstanciado e detalhado de todos os trabalhos a executar com a abertura da estrada projectada, laes como excavações, aterros, calçadas, e obras de arte.

TERCEIRA

Os concessionarios receberão dos cofres provinciaes pelos estudos e orçamento a que se obrigam, a quantia de cincoenta e oito contos de réis (58:000\$), em quatro prestações de quatorze contos e quinhentos mil réis (14:500\$) cada uma, sendo a primeira na occasião da assignatura d'este contracto, a segunda seis mezes depois, a terceira no fim de igual prazo, e a ultima depois de concluidos todos os trabalhos mencionados na segunda condição e entregues á presidencia da provincia, e si estiverem conformes com as clausulas estabelecidas neste contracto.

QUARTA

Como garantia da quantia de quarenta e cinco contos e quinhentos mil réis (45:500\$) importancia das tres primeiras prestações que os concessionarios teem de receber antes da conclusão dos trabalhos de que trata a segunda condição, ficam os mesmos concessionarios obrigados a dar fiança idonea, ou hypotheca de immoveis, ou a depositar na thesauraria de fazenda provincial valor equivalente, tudo nos termos dos artigos 109 e 110 do regulamento da mesma thesauraria de 25 de Maio de 1874.

QUINTA

Serão da livre escolha dos concessionarios os logares ou terrenos por onde tiver de ser feito o traçado da estrada, afim de ser mais facil, recta e commodá a sua direcção.

Si, para isto, porém, tiverem necessidade de destruir, em parte ou no todo, cercas e quaesquer bemfeitorias de propriedade particular, correrá por conta dos concessionarios a respectiva indemnisação.

SEXTA

A presidencia da provincia prestará aos concessionarios a protecção e auxilio compatíveis com as leis, de modo a ser possível cumprirem com facilidade, segurança e liberdade, as estipulações do presente contracto e a conservarem as picadas que deverão ser clara e francamente abertas, e os postes e estacas indicativos da direcção do traçado da estrada.

SEPTIMA

Os concessionarios garantem a exactidão dos estudos e orçamento que apresentarem, e ficam obrigados, por si, ou por uma companhia que organisarem, a executar os trabalhos da estrada projectada pelo valor do orçamento, si assim julgar conveniente o governo provincial, e mediante as condições que então forem estabelecidas e accelladas pelas partes contractantes.

Si este accordo, porém, não se realizar e si o governo resolver mandar executar as obras por empreitada geral ou parcial, os concessionarios serão preferidos em qualquer d'estes dous casos, em igualdade de condições.

Não apresentando os concessionarios os estudos, planta e orçamento no prazo marcado, pagarão uma multa de trezentos mil réis (300\$000), por cada mez excedente, salvo o caso de força maior devidamente comprovada. Semelhantemente si a provincia não satisfizer, nas épocas estipuladas as prestações pecuniarias a que se obriga na condição terceira, pagará mais aos concessionarios o juro de seis por cento ao anno pela mora até trez mezes, e pelo tempo que exceder d'este prazo, o de sete por cento.

(Continúa.)

INEDITORIAES.

Ao partido conservador.

Sem prevenção e sem pretenção, devemos como partidarios fallar a verdade para que ninguém se illuda.

Falla-se na desunião do partido conservador quotidianamente, quando todo o partido está unido, só não querendo aceitar o unico elemento de discordia, elemento combinavel—o Pendica.

Trata-se de unir, todos respondem: sempre estivemos unidos, o que não queremos, nem podemos consentir é que em nosso seio seja acolhido —o Pendica.

Homem inconveniente, ambicioso por dominar a todos, falso, traidor e trampolineiro, é impossivel harmonisar-se com quem quer que seja.

No dia em que elle podesse erguer-se no meio desta sociedade, tambem levantar-se-hia a força no meio da praça, o pelorinho em frente a cadeia, afim d'elle vingarse dos innumeraveis inimigos que encontra por toda a parte.

E' por isso que ninguém o quer; todos fogem d'elle, como quem foge do espirito maligno; é por isso que do lado em que elle se colloca sempre fica isolado.

Aponte alguém que não tenha que dizer d'elle, que não lhe vote odio ou rancor, que não possua um qualquer ressentimento? O seu maior amigo da vespera, com quem folga e ri, é no dia seguinte uma victima de suas façanhas.

Ninguém o quer. Falla-se aos amigos na união e elles logo repellem o Pendica.

O que se ha de fazer em semelhante caso?

Desunil o para unirem-se os correligionarios, é o unico alvitre a tomar-se, a unica vereda a seguir-se.

Outra não existe, em vão tentar-se-hia descobri-la. E' impossivel, sempre impossivel.

Quantas vezes não se tem proposto a união?

Não é de hoje, data de ha muito, o em diversas épocas têm sido feitas tentativas conciliatorias; mas os correligionarios politicos firmes sempre, sempre teem repetido com voz unisona, é impossivel a união com o Pendica.

Morto, completamente morto com as proprias armas que fabricára, as armas da falsidade, da intriga, da mentira, das promessas mallogradas, de todos os meios indecentes, todos já o conhecem, e com essas armas o matarão.

Hoje grita por ahí que elle é quem vai dar as cartas, que a presidencia se entende com elle, que elle é o chefe do partido!

Que tem escripto muitas cartas, não ha duvida, é seu costume, mas dar as cartas, isto é, dirigir os negocios da provincia... Santa Barbara, S. Jeronimo!!!

Diz que está de intelligencia com o governo da provincia, —é falso, é inteiramen-

te falso, além de usar assim de um meio bem pouco digno para quem blasona tanta influencia.

Quando é que foi a palacio que alguém o visse, a não ser no dia da chegada de s. ex.?

Porque no dia 7 de Setembro, no theatro, nem ao menos foi cumprimentar a s. ex. em seu camarote?

Então como diz que está de accordo com o governo?

Se estivesse dando as cartas, já teria levantado o seu *Patota* ou a *Provincia* e dito mal de meio mundo.

Quem não te conhece, Pendica, que te compre.

Aquelles que te ouvem os contos pensão que dispões de algum voto; mas nós que sabemos que no tempo em que ainda não eras bem conhecido por dentro e por fóra por quasi todos, tiveste a ousadia de atroar céos e terras de que vencerias a eleição, quando apenas levaste 60 votos á urna, ao passo que os outros amigos te derrotaram com uma differença de quasi 200 votos, nós que te conhecemos, repetimos—como é farrão.

Si nesse tempo teus amigos levaram 60 votos, hoje que não tens um amigo sequer, quanto levarás?

Não tens mais que 5 votos nesta capital! Fóra della quem te ha de acompanhar?

Não tens sempre sido derrotado vergonhosamente?

Ainda na ultima eleição de deputados provinciaes, quantos votos tiveste para deputado no collegio de S. José? Nem um sequer!!!

Fazemos esta admiração, não porque devias ter, mas porque andaste exclamando pelas ruas desta cidade: «quem havia de dizer, nem um voto em S. José! Aquelle Gaspar de quem tanto fallei pelo jornal, chamando-o de traidor, e quanta asneira me veio a bocca, bigodeou-me completamente.»

Ora, Pendica, has de ser bigodeado outra vez, apesar das centenas de cartas que tens escripto, dizendo que é muito justa e legitima a tua aspiração, e pregando carminholas em que ninguém já acredita.

Serás derrotado vergonhosamente como sempre.

Quando tiveres apoio official é signal de descrença nos homens e nas cousas.

Estás só e isolado, porque para onde vás afastão-se todos de junto de ti.

Já tens abandonado esta cidade por duas ou tres vezes para ver se assim és um pouco esquecido; mas voltas sempre o mesmo ou ainda peor para proseguir na tua gloriosa carreira.

São verdades nuas e cruas, sem flores de rhetorica, mas é preciso dizel-as para avivar a memoria de todos e de alguém que ainda não te conhece, se existe alguém nestas condições.

Eleitorado conservador, alerta! não se illudão os eleitores com as promessas e historias do Pendica.

Quando se aproxima qualquer eleição, é costume d'elle dizer que tem mundos e fundos, que o céu vem abaixo, que a terra vai acima, os mares vão secar; que tem este, aquelle e aquell'outro.... chega o dia da decisão, e acontece que tem 2 votos aqui, um ali, outro acolá e nenhum em S. José!

Então grita elle: *traição, traição, traição!*

Tem sempre sido assim a tua vida politica. Já se foi o tempo em que por infelicidade desta terra eras ouvido em alguma cousa; hoje levaste de taboa, foste para sempre derrotado.

Alerta! eleitorado conservador, a união do partido conservador consiste no expellir para bem longe de vós esse elemento de discordia.

Alerta! eleitorado conservador — ha dois annos o excluistes da chapa, continuai em vosso firme proposito em não votar nelle, desprezai os pedidos manhosos e as fanforronadas, e as mentiras que prega dizendo que está de accordo com o governo da provincia, para assim vos amendrontar.

Não, nunca esteve, nem está, e nem es-

rá jamais.

Alerta! eleitorado conservador, o dia 7 de Novembro bate-vos a porta, e como sempre cumpri o vosso dever, enviando ao seio da assembléa provincial — homens dignos de vós e da provincia.

Muitos eleitores.

EDITAES.

O doutor José Ferreira de Mello, juiz de orphãos nesta cidade do Desterro, capital da provincia de Santa Catharina e seu termo, por Sua Magestade Imperial, a quem Deos guarde etc.

Faço saber que por este juizo se ha de vender em hasta publica, no dia 23 do corrente mez, á porta da sala das audiencias, pelas 11 horas da manhã, uma pequena morada de casas, de porta e janella, sita a rua da Lapa, onde faz frente, e fundos com quem de direito fôr, confrontando pelo norte com casas da viuva D. Carlota do Nascimento Ramos, e pelo sul com casas de D. Francisca Maria da Silva Engracia, avaliada por 150\$000 rs., pertencente a orphã Maria Leopoldina da Silva. E para que chegue ao conhecimento de todos mandei passar o presente edital, e outro de igual theór, que serão affixados e publicados pela imprensa. Cidade do Desterro, 15 de Setembro de 1875. Eu João Damasceno Vidal, escrevente juramentado, que o escrevi: Eu Vidal Pedro Moraes, escrivão de orphãos, subscrevi.

José Ferreira de Mello.

O Dr. José Ferreira de Mello, juiz de orphãos nesta cidade do Desterro, capital da provincia de Santa Catharina, e seu termo, por Sua Magestade Imperial, a quem Deos guarde, etc.

Faço saber que por este juiz se ha de vender em hasta publica, a requerimento de Joaquim José Barbosa da Silveira, no dia 23 do corrente mez pelas 11 horas da manhã, á porta da sala das audiencias, uma morada de casas de sobrado sita á rua do Principe n. 72, onde faz frente, e fundos com os terrenos da casa de Pedro Croucey, confrontão pelo lado de Leste com terrenos dos herdeiros de José Soares, pelo Este com casas de Nicolau Izetto, reduzida sua avaliação por segunda vez á 3:185\$000 rs., pertencente aos herdeiros do finado Antonio Caetano de Souza. E para que chegue ao conhecimento de todos, mandei passar o presente edital e outro de igual theor que serão affixados e publicados pela imprensa. Cidade do Desterro, 10 de Setembro de 1875. Eu João Damasceno Vidal, escrevente juramentado que o escrevi. Eu Vidal Pedro Moraes, escrivão de orphãos subscrevi.

José Ferreira de Mello.